



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MORAES, Jordana; VALENTIM, Mariane. O desenvolvimento infantil sob a ótica reichiana: contribuições para a profilaxia das neuroses na infância. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SOB A ÓTICA REICHIANA: CONTRIBUIÇÕES PARA A PROFILAXIA DAS NEUROSES NA INFÂNCIA

**Jordana Moraes**  
**Mariane Valentim**

### Resumo

Esse artigo de revisão bibliográfica fala sobre as principais contribuições da psicologia corporal na prevenção das neuroses durante o desenvolvimento infantil. Logo, o presente trabalho tem como finalidade orientar a postura de pais, educadores, cuidadores e profissionais da saúde, a partir de estudos nacionais e internacionais, que salientam a importância dos primeiros anos de vida na construção psíquica. Sendo assim, serão descritas no decorrer do trabalho as etapas do desenvolvimento emocional, suas principais características e os cuidados peculiares a cada uma dessas fases.

**Palavras-chaves:** Desenvolvimento emocional. Neuroses. Prevenção. Psicologia infantil.

---

As crianças passam por diferentes etapas no desenvolvimento emocional, desde a concepção até a adolescência, sendo que todas essas fases tem um papel fundamental na organização do temperamento, da personalidade e do caráter (VOLPI; VOLPI, 2008). Para os autores, cada uma dessas fases é caracterizada por fenômenos específicos que envolvem tanto os aspectos biofisiológicos, emocionais-afetivos e intelectivos herdados geneticamente, quanto as experiências que serão vivenciadas pela criança do decorrer de seu desenvolvimento. Quando tais etapas do desenvolvimento emocional se completam, entre os seis anos de idade e o início da adolescência, o caráter é estabelecido definitivamente. Portanto, de acordo com Lowen (1958, apud Volpi; Volpi, 2008, p. 126), “o caráter específico de cada indivíduo é a resultante de todas as experiências ocorridas desde a concepção até a maturidade”.

Ao terem seus impulsos frustrados ou reprimidos severamente, essas crianças ficarão fixadas na fase de desenvolvimento em que se encontram. Logo, para Reichert (2011, p. 92), essas fixações geram marcas que mais tarde formarão “traços e estruturas de caráter, que irão tonalizar a personalidade da pessoa e, em casos mais graves, causar as psicopatologias”. No entanto:

Se a criança passar por todas as etapas do desenvolvimento sem sofrer comprometimentos entre seus impulsos naturais e as frustrações impostas a ela por uma educação moralista e repressiva, será capaz de chegar ao que Reich (1933) denominou de caráter genital, auto-regulado, sem bloqueios. (VOLPI; VOLPI, 2008, p.127).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MORAES, Jordana; VALENTIM, Mariane. O desenvolvimento infantil sob a ótica reichiana: contribuições para a profilaxia das neuroses na infância. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>

Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Diante desse contexto, é possível afirmar que todos os acontecimentos ocorridos durante a vida, e principalmente os vivenciados ainda na infância, contribuem na estruturação psíquica, sejam eles positivos ou negativos. Daí a importância de se conhecer e compreender as fases do desenvolvimento emocional e as características intrínsecas a cada uma, pois mais tarde serão elas que darão origem aos traços de caráter de cada pessoa.

### Etapa Ocular ou de Sustentação

Para Volpi e Volpi (2008), a primeira etapa do desenvolvimento emocional tem início na fecundação e declínio ainda nos primeiros dias de vida, após o nascimento, sendo que durante esse período o bebê passa por três etapas gestacionais denominadas: segmentação, embrionária e fetal. Para Sposito (2008), a etapa de segmentação tem início ainda na fecundação entre óvulo e espermatozóide e dura até a fixação do zigoto nas paredes uterinas, por volta do quinto e sétimo dia de gravidez. Pelo fato de ser o primeiro ambiente que o bebê tem contato, é importante que o útero seja receptivo e acolhedor, pois nessa fase estresses, medos e angústias maternas, podem comprometer a sustentação do zigoto (VOLPI; VOLPI, 2008). Dessa forma, qualquer reação emocional sentida pela mãe durante a gestação, também será vivenciada pelo bebê, que não sentirá em termos de consciência, mas energeticamente (SPOSITO, 2008).

Diversas pesquisas identificam que o bebê, ainda antes do nascimento, é um ser inteligente e sensível que revela uma vida afetiva e emocional estreitamente vinculada à sua experiência relacional com a mãe. E que ele capta os estados emocionais e a disposição afetiva materna com ele (REICHERT, 2011, p. 109).

Se no decorrer dessas etapas o bebê vivenciar uma relação de desamor, desafeto, hostilidade, rejeição ou tentativas de aborto, seu desenvolvimento fica comprometido pela baixa carga energética da mãe, resultando em anormalidades que podem ser patológicas ou futuramente, refletir na formação de um núcleo psicótico que afetará o comportamento do infante (VOLPI, 2005). Para Reichert (2011, p.105), “o autismo e as esquizofrenias estão entre as consequências de comprometimentos graves na fase uterina, no parto e nos dez primeiros dias de vida”. Por isso, a importância de iniciar os cuidados com a saúde mental e psíquica da criança antes mesmo do nascimento.

---



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MORAES, Jordana; VALENTIM, Mariane. O desenvolvimento infantil sob a ótica reichiana: contribuições para a profilaxia das neuroses na infância. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

A fase a seguir é chamada de embrionária, que começa a partir da fixação do zigoto na parede uterina e se estende até o final da décima semana de gestação, em média no segundo mês gestacional. Segundo Volpi e Volpi (2008), é nessa fase que se constitui o cordão umbilical, que sustenta o embrião nas paredes do útero, dando início a circulação umbilical. Além do desenvolvimento do corpo do embrião e de suas estruturas internas e externas (SPOSITO, 2008).

E, a última fase conhecida como fetal, compreende o final da décima semana gestacional e se estende até os primeiros dias de vida, pois entende-se que até o décimo dia de vida o bebê ainda está se adaptando a esse novo ambiente (VOLPI; VOLPI, 2008). Nessa etapa, o corpo do bebê já está praticamente formado, e ocorre a maturação e o crescimento dos órgãos e sistemas, sendo que aqui o feto já responde a estímulos sonoros, luminosos, gustativos, dolorosos, de pressão, táteis, térmicos, vibracionais e até mesmo olfativos (SPOSITO, 2008).

Caso, após o nascimento, o bebê vivencie uma ausência temporária de contato, como na relação com um cuidador hostil, as consequências podem surgir em contrações do corpo ou na esquivas do olhar por parte do bebê, mas podem ser superadas quando a situação é temporária. Já, a contínua falta de contato por ter uma mãe hostil e fria ou por ter uma mãe excessivamente ansiosa, indiferente e emocionalmente estéril, pode prejudicar o desenvolvimento dessa criança, causando danos irreparáveis. Dessa forma, um estágio ocular insatisfeito:

É produto de uma liberdade inicial para olhar que é posteriormente interrompida, por meio da vergonha, que em seguida poderá dar margem ao voyeurismo. Já o estágio ocular reprimido promove uma percepção ocular inadequada que irá resultar em confusões e escapes do mundo (BAKER, 1980, p.47).

Logo, para que o desenvolvimento emocional do bebê aconteça de forma saudável, é fundamental que ocorra um contato cálido primeiramente com o útero e a partir do parto com as figuras humanas de referência, uma vez que promovem no infante uma sensação de bem-estar e de aceitação.

### **Etapa Oral ou de Incorporação**



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MORAES, Jordana; VALENTIM, Mariane. O desenvolvimento infantil sob a ótica reichiana: contribuições para a profilaxia das neuroses na infância. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Com base em Volpi e Volpi (2008), essa fase tem início logo após o nascimento, no período de amamentação e chega ao fim com o desmame, que geralmente ocorre por volta do nono mês de vida do bebê. Durante esses meses, o bebê se liga a mãe através da amamentação e dos cuidados maternos, havendo uma relação simbiótica entre o principal cuidador e o bebê que ainda não consegue se diferenciar física e energeticamente da figura materna (SPOSITO, 2008).

Para a autora, “a disponibilidade afetiva e energética materna, será um modelo, para o bebê, de contato com o outro” (SPOSITO, 2008, p.30). Logo, o cuidador precisa prover de uma boa energia e envolvimento no momento de estabelecer contato com o infante, pois:

A fase oral organiza a base afetiva de uma pessoa, quando ocorrem os registros primais de confiança no outro e na própria espécie. A qualidade da relação dos cuidadores com seus bebês formará o importante reconhecimento mútuo entre eles, criando o alicerce de afetividade e respeito nos relacionamentos humanos. (REICHERT, 2011, p. 177).

Dentro desse contexto, Sposito (2008) fala que o bebê é capaz de expressar suas necessidades mesmo antes da sua linguagem verbal se estabelecer, através do choro, balbúcio, agitações e reações corporais e a partir dos nove meses de idade, a criança também aprende a reconhecer os sons da fala e dos gestos para se comunicar. Porém, é importante que o organismo da criança possa se manifestar de acordo com suas próprias necessidades, uma vez que “qualquer movimento do adulto que venha a interromper essa pulsação pode trazer sérios comprometimentos na capacidade do bebê em saber se sustentar na vida” (VOLPI; VOLPI, 2008, p.135).

Muitas vezes, a ansiedade e a agitação sentidas pela mãe durante o período de amamentação, liberam na corrente sanguínea um líquido presente na vesícula biliar chamado bile, que ao entrar em contato com o leite materno, altera o seu sabor deixando-o amargo (VOLPI; VOLPI, 2008). Também é natural que algumas mulheres sintam prazer no ato de amamentar e se entreguem a essa experiência; no entanto algumas mães ao sentirem prazer acabam desenvolvendo ansiedade e repugnância, contraindo o seu organismo e conseqüentemente transformando o seio numa região sem energia (anorgonótica) e alterando a produção de leite (REICH, 1987 apud SPOSITO, 2008).

O desmame deve ocorrer gradativamente, por volta dos nove meses de idade, quando o bebê já possui dentes suficientes para triturar os alimentos, sendo que os primeiros dentes



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MORAES, Jordana; VALENTIM, Mariane. O desenvolvimento infantil sob a ótica reichiana: contribuições para a profilaxia das neuroses na infância. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

aparecem em média pelo terceiro ou quarto mês de vida (VOLPI; VOLPI, 2008). Nesse sentido, o único alimento que o bebê precisa até o quarto ou sexto mês de vida é o leite materno, pois:

São diversos os benefícios do leite materno reconhecidos atualmente pela ciência e pela legislação. Esta última concede o benefício de licença maternidade também para promover a amamentação. Para o bebê o leite materno é mais digestivo, apresenta menor probabilidade de reações alérgicas, diarreias e infecções respiratórias; os dentes e o maxilar se desenvolvem melhor por causa do movimento de sucção (Sposito, 2008, p. 32).

De acordo com a autora, quando ocorrem interrupções ou a amamentação é deficitária, o bebê poderá vivenciar a sensação de privação, desenvolvendo futuramente traços de caráter orais com tendência a sentir-se abandonado ou não aceito em função da sensação de privação. Também é comum que esses bebês desenvolvam as habilidades de falar e andar precocemente na busca de compensar suas necessidades insatisfeitas ou cresçam com a tendência de buscar na vida adulta os prazeres orais, como: comer, fumar, beber e falar em demasia; além de revelar comportamentos de passividade, dependência e depressão (REICHERT, 2011). Portanto, “o bebê aprende durante a amamentação a ser suprido em suas necessidades e com o desmame a ser independente” (SPOSITO, 2008, p. 33).

Para Baker (1980), a repressão no nível oral é basicamente produzida pela privação, pela ansiedade expressa pela mãe, um bico frio de seio, leite insuficiente e ausência de contato durante a amamentação, não havendo permissão para o desenvolvimento da completa satisfação funcional. Já a insatisfação é em geral provocada por uma satisfação inicial até um certo ponto do desenvolvimento, seguido de uma súbita privação, como ocorre quando a mãe decide abruptamente descontinuar a amamentação, sem levar em conta as necessidades da criança. Logo, esse infante poderá desenvolver uma tendência a satisfazer essa necessidade comendo em excesso, bebendo em demasia, falando demais e tendo uma postura vacilante do ponto de vista emocional.

### **Etapa Anal ou de Produção**

Para Volpi e Volpi (2008), a etapa de produção inicia-se com o desmame e geralmente se entende até o final do terceiro ano de vida, no entanto, pode ocorrer um pouco antes com algumas crianças. Neste período ocorre uma expansão no campo dos relacionamentos, que antes se limitava apenas a mãe e bebê, e agora se estende para os demais integrantes da



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MORAES, Jordana; VALENTIM, Mariane. O desenvolvimento infantil sob a ótica reichiana: contribuições para a profilaxia das neuroses na infância. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

estrutura familiar como pai, irmãos, avós, primos e parentes de um modo geral (SPOSITO, 2008). Sendo que, alguns comportamentos como o desmame, a mobilidade no engatinhar e no andar e a capacidade motora mais desenvolvida, demonstram essa transição entre a dependência do bebê para a independência da infância. Dessa forma, a tarefa mais difícil para os pais não está relacionada com o fato de proteger ou dar segurança à criança, mas:

Em manter a paciência ao lidar com o surgimento de aptidões como a autonomia e a vontade própria dos pequenos. Especialmente quando eles insistem no que querem, gritam, choram e confrontam os pais, na tentativa aparentemente inegociável de fazer valer suas primeiras decisões na vida (REICHERT, 2011, p. 190).

Para a autora, a autonomia inspira atos de rebeldia na criança, como os comportamentos de negativismo e o aparecimento do “não”, fatos que indicam uma postura de autoafirmação e diferenciação do outro. Logo, é preciso ter muito cuidado na condução desse processo, uma vez que o “cérebro está tão ativo que a criança passa rapidamente de um interesse a outro, do choro ao riso, e não consegue fixar o que dizem pais e cuidadores” (REICHERT, 2011, p. 190). Portanto, nessa fase é importante incentivar e dar liberdade para a criança desenvolver sua espontaneidade, mas ao mesmo tempo dar limites apropriados para que ela não se transforme na ditadora do lar, sendo que os pais não devem impor, usar do autoritarismo e retirar sua capacidade de se controlar (SPOSITO, 2008).

Reichert (2011), ainda contribui afirmando que durante a fase anal do desenvolvimento o prazer é experimentado de duas formas: primeiramente pela recém-adquirida capacidade de expulsar as fezes (fase anal expulsiva) e em seguida a retenção intencional (fase anal retentiva). Na primeira fase, a criança sente que é muito prazeroso expelir as fezes por meio do ânus, mas ainda não consegue contê-las pelo fato de não ter uma maturação neuromuscular totalmente desenvolvida. Por isso, os pais precisam respeitar o ritmo da criança e procurar não antecipar o processo de retenção, caso contrário a família vai interferir e exercer um supercontrole sobre a autonomia da criança. A autora ainda sugere materiais como massa de modelar, barro e areia para que sejam exploradas as fantasias infantis relacionadas aos seus excrementos.

Já na segunda fase, que acontece por volta dos dois anos de idade, o prazer está na retenção das fezes e no controle urinário. Para Reichert (2011), as brincadeiras com líquidos, os brinquedos para colecionar e as peças para serem colocadas umas dentro das outras, são bem vindas nessa etapa. Sendo assim, é importante que a criança esteja livre para controlar



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MORAES, Jordana; VALENTIM, Mariane. O desenvolvimento infantil sob a ótica reichiana: contribuições para a profilaxia das neuroses na infância. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

seus esfíncteres aprendendo a ouvir o ritmo do seu corpo, sem exigências exageradas de ordem e limpeza, pois somente assim desenvolverá a autoconsciência e o autodomínio em suas reações e expressões emocionais (VOLPI; VOLPI, 2008).

Diante disso, uma fixação na fase anal pode ser caracterizada por traços de ordem, parcimônia, teimosia, além de conflitos em torno de questões de controle, dificuldade em se expressar e de entrega.

### Etapa Fálica ou de Identificação

A etapa fálica tem início entre o quarto ano de vida, quando a criança já é capaz de fazer identificações e sua energia está voltada para a descoberta dos genitais e da sexualidade, isto é, ela já é capaz de identificar a qual sexo pertence (VOLPI; VOLPI, 2008). Para os autores, essa fase tem início quando a criança passa a explorar o seu corpo, principalmente os genitais, e descobre as diferenças sexuais entre meninos e meninas. Nesse sentido, essa é uma etapa que se caracteriza por “um orgulho transitório pela descoberta do genital, que progride até de transformar numa apreciação completa das funções masculinas ou femininas deste órgão” (BAKER, 1980, p.50). Portanto, esse é o período em que a criança incorpora uma noção de gênero, se reconhecendo como homem ou mulher e ao mesmo tempo, busca entender os papéis sociais que estão vinculados a cada sexo. Entretanto:

A moral sexual ainda atinge os pequenos em muitos sentidos. A fixação de pais e educadores, que não conseguem ver a sexualidade infantil como natural e não aceitam a manifestação integrada de amor e sexualidade na criança, deixa marcas profundas nos pequenos. Da mesma forma, a relação com o feminino e o masculino, as relações de respeito e valoração entre os sexos serão fundamentais à identificação sexual que ocorre nessa etapa (REICHERT, 2011, p. 248).

É importante saber que nesse período é comum a criança manipular seus órgãos sexuais, pois, “o contato com os genitais é potencialmente prazeroso e a masturbação surge como alternativa para a vivência da sexualidade nesse momento” (REICH, 1975, apud, VOLPI; VOLPI, 2008, p. 139). No entanto, as primeiras masturbações devem ser percebidas pelos pais e pelos cuidadores de forma natural e sem punições, pois ainda não existem intenções ou fantasia, sendo que mais tarde ela dá lugar ao contato sexual entre parceiros. Diante disso, a masturbação infantil, “sem apresentar-se de forma compulsiva é um sinal de saúde mental,



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MORAES, Jordana; VALENTIM, Mariane. O desenvolvimento infantil sob a ótica reichiana: contribuições para a profilaxia das neuroses na infância. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

pois se vivenciada sem culpa ou com um enfrentamento e superação da culpa, promoverá o livre fluxo de sua energia sexual” (SPOSITO, 2008, p. 39).

Essa fase do desenvolvimento ainda se caracteriza por brincadeiras mais individualizadas, mas que com o tempo a criança vai aprendendo a compartilhar, expandindo suas relações que se focavam unicamente na família e agora passam a se voltar para o campo social (VOLPI; VOLPI, 2008). Nesse contexto, a escola terá um papel fundamental na ampliação dos contatos sociais, uma vez que ela aumenta o número de pessoas com quem essa criança irá se relacionar (SPOSITO, 2008). A autora ainda fala sobre possíveis conflitos entre as crianças no ambiente escolar que são válidos para o desenvolvimento da capacidade de negociação e resolução de problemas.

Diante disso, para Baker (1980), a fixação no estágio fálico pode ocorrer quando o pai que frustra (no caso do sexo oposto ao da criança) não suporta ao exibicionismo genital e passa a ser hostil com o filho. Essa não aceitação do genitor detém a criança precocemente, impedindo que ela prossiga até o fim da genitalidade. Logo, “pode-se identificar o estágio repressivo com a pessoa ascética, geralmente religiosa e moralista e o estágio insatisfeito com o tipo de pessoa chamado de Don Juan” (BAKER, 1980, p. 50).

### **Etapa Genital ou de Formação do caráter**

A última etapa do desenvolvimento tem início aos cinco anos de idade e se estende até a puberdade, que é quando ocorre uma elaboração das etapas anteriores e a formação da estrutura básica de caráter se completa (REICH, 1987, apud, VOLPI; VOLPI, 2008). Segundo Sposito (2008), em função da resolução do Complexo de Édipo na fase anterior, ocorre neste período a identificação da criança com o genitor do mesmo sexo, bem como, a identificação ao sexo que pertence e por assimilarem as diferenças sexuais, as crianças acabam se dividindo em grupos de meninos e meninas, os conhecidos clubes da “Luluzinha” e do “Bolinha”. Portanto, é nesse período que a criança aos poucos vai criando sua própria identidade.

Quando existem fixações no período genital, “no caso de repressão, o histérico foge da sexualidade e no caso do estágio insatisfeito, corre para ela (ninfomania)” (BAKER, 1980, p. 51). Mas se a criança passa por todas as etapas de desenvolvimento sem bloqueios ou fixações, poderá estruturar um caráter genital que é auto-regulado, equilibrado e maduro emocionalmente. Entretanto, é usado somente como referência, pois pode-se observar



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MORAES, Jordana; VALENTIM, Mariane. O desenvolvimento infantil sob a ótica reichiana: contribuições para a profilaxia das neuroses na infância. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

momentos de genitalidade ou traços de caráter nas pessoas, mas dificilmente o caráter genital, visto que 0,1% da população mundial possui esse caráter (VOLPI; VOLPI, 2008).

E, foi diante dessa problemática que Reich dedicou muitos anos ao estudo do que poderia ser uma criança saudável, chegando a criar um Centro Orgânico de pesquisas sobre a infância (OIRC). Para ele, mais importante que o tratamento das neuroses era a prevenção delas, pois acreditava que somente assim poderíamos ter uma sociedade mais saudável (REICH, 2001). Por isso, é imprescindível o apoio e o desenvolvimento de iniciativas focadas na prevenção das neuroses, com o objetivo de informar e conscientizar os pais, cuidadores, educadores e profissionais da saúde, sobre o desenvolvimento emocional na infância e as características inerentes a cada etapa desse processo.

## REFERÊNCIAS

BAKER, E. F. **O labirinto humano**: causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Sumus, 1980.

REICH, W. **Crianças do Futuro**. Tradução de José Henrique Volpi, Sandra Volpi. Curitiba: Centro Reichiano, 2001.

REICHERT, E. **Infância a idade sagrada**: anos sensíveis em que nascem as virtudes e os vícios humanos. Porto Alegre: Vale do Ser, 2011. 344 p.

SPOSITO, F. V. **Psicoterapia corporal com crianças**. 2008. Monografia (Especialização em Psicologia Corporal) - Centro Reichiano, Curitiba.

VOLPI, José Henrique. **Separações e aproximações no início da vida**. Artigo do curso de Especialização em Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2005. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: 10/03/2014.

VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Crescer é uma aventura**: desenvolvimento emocional segundo a psicologia corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. 144 p.

## AUTORES

**Jordana Moraes Ferreira/RS** – CRP 07/23362 – Psicóloga graduada na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC/SC) e com formação em Psicoterapia Corporal pelo Instituto HOLON. Psicoterapeuta de grupos no serviço de Saúde Mental.

E-mail: [joh.moraes@gmail.com](mailto:joh.moraes@gmail.com)

**Mariane Valentim/SC** – CRP 12/ 12283 - Psicóloga e psicoterapeuta corporal, formada pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC/SC) e com formação em Psicoterapia



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MORAES, Jordana; VALENTIM, Mariane. O desenvolvimento infantil sob a ótica reichiana: contribuições para a profilaxia das neuroses na infância. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, Vol.16, 2015. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>

Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Corporal pelo Instituto HOLON. Psicóloga voluntária na Associação Criciumense de Apoio a Saúde Mental (CERES).

**E-mail:** [mariane.valentim@outlook.com](mailto:mariane.valentim@outlook.com)